

# Bemvindos a bordo!

Valte(RRm)(SB) Ruy Capetti

Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 2001

A história da nossa Força de Submarinos é eterna na medida que cultivamos o passado, vivemos intensamente o presente, e temos a certeza e satisfação de sabermos que o futuro sempre nos brindará com homens do quilate que Gastão Penalva qualificou, na abertura da obra "A vida nos FF".

Acompanho as palavras daquele companheiro ao prefaciá-la obra, bem definindo o que vai dentro de todos nós, quando, passado o tempo, voltamos nossa preocupação para o registro dos fatos que vivenciamos em submarinos, no livro de nossas vidas:

"Este livro singelo é o clássico livro de quartos onde aquele que deixou o serviço vem exarar as suas impressões, ao fim das quais suspira aliviado e assina "sem mais novidade". E, entretanto, é um trabalho de mérito inaudito, porque fixa indelevelmente, além das cenas do mar, esse profundo espírito de classe que é a pira vestal da Marinha.

Nele se confundem os punhos estrelados com os modestos galões do Tenentes e os cadarços da blusa maruja. Não se arrogam distinções de esfera na maneira de contar a sua história, como se a mesma boca inspirada se resolvesse a falar por todos. O que eles quiseram e realizaram, foi insculpir na mesma lápide sagrada os versículos do inatingível Koran marujo.

De tal sorte que um dia, no lento e tumultuoso decorrer das idades, o viajor que se detiver na sua contemplação, possa em extase decifrar esses enigmas complexos, que afinal não passam de simples parábolas de fé para os fanáticos da mesma crença.

Eu de mim, foi mister que deixasse a vida do mar, para poder apreciar e compreender a sua magestade e a sua invencível preponderância.

Se antes queria aos meus bondosos companheiros de culto, ainda hoje mais os quero, mais perto de mim os sinto, pelo quanto me orgulho a esmiuçar-lhes a vida de devotamentos, como um grave compromisso que cada qual assumisse consigo próprio, sem almejar compensação de espécie alguma.

Tudo afinal se transforma sobre a face da terra. O que é mais duradouro, o que parece mais invulnerável. De quando em vez, sopra um vento mau, um ciclone maldito que ameaça os temperamentos e derroca as consciências.

Pela graça de Deus, a Marinha continua impávida e serena, como que sabe procurar no lado maneável das desgraças o claro raio de sol salvador e fecundo.

O seu físico é impertubável. O seu moral é um pulpito hierático onde o dever, de quando em quando, assoma para mostrar a estrada luminosa aos cavaleiros do S. Graal.

Passa-se muito tempo e nada se lhe adultera na estrutura, na fisionomia e no convívio íntimo.

A prova está toda ela concretizada no entrecho deste livro.

A essência fundamental não sofre a mínima alteração.

Ou será que as coisas todas, debaixo d'água, se contraem, se enregelam, se mumificam, mas nunca se deterioram?

Gastão Penalva"

Nos pensamentos acima fundamento a razão que me levou a publicar, nesta mídia, aquela obra - **A VIDA NOS <<FF>> 1914-1934**, mantidos o estilo, os erros ortográficos, e deslises históricos de menor importância. Quanto aos títulos de cada passagem, a maioria dos quais não existem no original, eu os criei, para permitir a recuperação.

Espero que a sua leitura venha despertar as qualidades de historiador do companheiro submarinista no sentido de que, se lembrando das passagens que tenham marcado a sua vida a bordo, selecionem as, ou a, que julgar mais relevante, e num breve relato, as registre, para que possam ser transcritas, e como tal, perpetuadas, *"de tal sorte que um dia, no lento e tumultuoso decorrer das idades, o viajor que se detiver na sua contemplação, possa em extase decifrar esses enigmas complexos, que afinal não passam de simples parábolas de fé para os fanaticos da mesma crença"*.

Desde já ofereço minha modesta capacidade, mas grande vontade, para colecioná-las, ordená-las e promover sua publicação, respeitadas as autorias, trabalhando como for necessário para implementar nosso livro da vida. Para tanto, deixo meu endereço eletrônico abaixo, como ponto de partida para um contacto, no mínimo prazeroso, mas do qual não posso me furtar de ainda colher informações, idéias e sugestões que nossos antigos companheiros nunca deixaram de nos proporcionar.

Desejando a todos os nossos leitores saúde e muita felicidade, subscrevo-me um admirador respeitoso pelo muito que os submarinistas e mergulhadores fizeram pelos labores que abraçamos, contribuindo, à saciedade, para o orgulho profissional de todos que são **MARINHEIROS ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA!**

[capetti@terra.com.br](mailto:capetti@terra.com.br)

CONTINUA →

## A VIDA NOS <<FF>> 1914-1934 (1)

\*\*\*\*\*

### **DUAS PALAVRAS**

A Marinha é o casulo da abnegação, do estrenuo devotamento, do amplo sacrificio em pról do crédo comum - fanatisado sacerdocio em que se empenham todas as forças moraes e materiaes, ara sagrada onde cada dia se levanta a hostia purissima do cumprimento do dever.

Assim ela tem sido em todas as etapas da sua vida acidentada, na paz, na guerra, na diplomacia, nas revoluções.

Vive vida á parte, o que lhe dá certo ar de misterio, certo cunho de impenetrabilidade aos olhos que a observam a distancia. Vive de si, por si, para si-mesma. Tudo nela se resume em trabalho e engradecimento. Cada hora que decorre é um passo dado para cima, um passo que jamais se perde e vae, como os enfrexates de uma enxarcia de bordo, levar aos cêstos de gávea onde se expandem, as manobras vigilantes da patria.

Por isso, o marinheiro não se assemelha, em corpo e alma, a nenhum outro profissional. É o que é, o que vale, o que representa. O ambiente em que vive e onde plasma a sua existencia heroica - ambiente sem limites, sem convenções nem dogmas, de um horizonte que cada vez mais se afasta á medida que se o demanda, em delirio - esse scenario azul do oceano onde se desenrolam os acontecimentos jocotragicos do seu viver de epopéa molda o homem ao seu justo feitio, ao tamanho da sua imensidade, no extremo desvendamento do que se oculta "au-de-lá" das singraduras marinhas.

Destarte, o marinheiro toma a fôrma psichica do mar.

Alma de um, alma do outro.

Grandeza, arrebatamento, impetos de submissão e de bravura, confiança e desconfiança do seu próprio valor, rudeza irrefreivel da maneira de sentir e de agir, sobrançeria inquebrantavel ao vae-vem caprichoso do destino - que é isso, sinão o proprio destino das aguas, indo e vindo do alem, numa volubilidade atordoante, rebentando nos rochedos e nas praias, fortes, mas indecisas, como o eterno condenado á tortura sem par do ser e do não ser?

Ora, essa vida de cruel incerteza, arroja o nauta num pélagos de indiferença, o que o torna superior ás próprias forças, altivo em face do perigo, displicente em presença da morte.

Abrilhanta-se a nossa historia naval de paginas de sublime eloquencia, onde o homem do mar nos aparece como um personagem de fabula, um mito de legenda nas jornadas do sangue e nas apoteóses do triunfo.

Não se conta essa simples efemeride das nossas glorias marujas em que não se desponte o heroe, o louco das vitorias quando não o santo que se anicha "ad eternum" na imperecível gratidão patricia.

Marcilio dias, em plena hora de fogo, implanta no campanario da matriz de Paisandú o lábaro da conquista, para adiante sucumbir, em Riachuelo, na defesa do mesmo augusto simbolo. Mariz e Barros, ao depois de operar prodigios belicos, vai morrer socegradamente, a fumar um tranquilo charuto, enquanto se lhe amputa uma perna. Greenhalg, o leão moço de 11 de Junho, só se deixa abater depois que lhe fuge das arterias vasias a ultima gota de sangue.

Por aí além, o mesmo estoico desfiar de heroicidades.

Ainda ontem, no decorrer da grande guerra, nas ardentias pestíferas de Dakar, um marinheiro, em momento de tregua, vai para a prôa confidenciar com o seu amigo cachimbo. Subito, vislumbra os demonios da traição que se atropelam como tritões malditos em redor da sua náu. É uma mina explosiva que se desprende do castelo e tomba no refluxo das aguas. Vae quase se chocar com o costado do seu navio, sacrificando inevitavelmente outro navio proximo. O heroe não trepida. Lança longe o cachimbo. Atira-se nas ondas revoltas. Abraça-se com a mina num abraço negro de morte. E vem, a pouco e pouco, trazendo-a para o seu refugio, onde tudo se salva. Em seguida, como se nada houvesse acontecido, ei-lo de novo á proa, a cachimbar filosoficamente, esquecido do que fez, porque aquilo, para ele, para o marinheiro, não era mais do que, como a vida, uma simples brincadeira com a sorte.

Assim, um ról intermino de façanhas incríveis, e as mais incríveis são justamente as que não veem na historia.

Assim, o marinheiro do Brasil, amado irmão, que Deus o oriente e proteja na sua infinda misericordia.

Os casos que vão ler, colhidos casualmente em vinte anos de vida submarina, não se afastam uma linha desse insolito padrão. Em qualquer deles, por mais ingenuo que se afirme, ha de sempre transparecer o senso imponderavel do dever bem cumprido, o amor da disciplina, o imenso zelo profissional. Muitas vezes, quando menos se o espera, de risos se entremeiam as tragedias. Nem sempre é amiga e sincera essa misteriosa "voce del fondo", que intimida aos mais bravos. Ha muita surpresa vária numa hora de imersão, quando se larga tudo para rumar ao imprevisto e

ao perigo. Uma nave que baixa ao fundo mitológico das águas nunca sabe de vae descontinuar um paraíso ou um tumulto. Contam-se frios episódios submarinos que arrepiam de temor e de espanto. Cada relato às vezes se assemelha a uma sucessão de galhadertes irônicos enfiados pela agulha das Parcas. Noutros, porém, Deus é grande e o que era doloroso e triste de repente se transmuda numa gargalhada homérica, que estruge de pôpa a prôa, como arrebentação de mar alto em zona de pampeiro.

Essa gente dos "F. F." vive unida por um desejo único. O mesmo espírito de sacrifício dá-lhe o feitiço místico de umas mãos postas diante de altar comum. Sentem todos pela vibração do mesmo fio, ao qual se prendem, como campanulas sincronizadas, os cérebros e os corações.

Depois que se separaram, parece que sofreram a solidão, e ei-los de novo aglomerados na camaradagem franca destas páginas, como filhos prodígos que voltassem a aquecer-se em torno da lareira paterna. E cada qual, de regresso, ao cabo de frio inverno, traz na boca saudosa a sua narrativa, traz no peito arquejante a sua grande saudade.....

Este livro os reúne para sempre. É como a mesa da praça d'armas onde eles outrora se deixavam ficar horas esquecidos, enlevados no raco alheio, enquanto, fóra, a chuva impenitente teimava em atrasar a condução para terra.

Este livro singelo é o clássico livro de quartos onde aquele que deixou o serviço vem exarar as suas impressões, ao fim das quaes suspira aliviado e assina "sem mais novidade". E, entretanto, é um trabalho de mérito inaudito, porque fixa indelevelmente, além das cenas do mar, esse profundo espírito de classe que é a pira vestal da Marinha.

Nele se confundem os punhos estrelados com os modestos galões dos Tenentes e os cadarços da blusa maruja. Não se arrogam distinções de esfera na maneira de contar a sua história, como si a mesma boca inspirada se resolvesse a falar por todos. O que eles quiseram e realizaram, foi insculpir na mesma lápide sagrada os versículos do inatingível Koran marujo.

De tal sorte que um dia, no lento e tumultuoso decorrer das idades, o viajor que se detiver na sua contemplação, possa em extase decifrar esses enigmas complexos, que afinal não passam de simples parábolas de fé para os fanáticos da mesma crença.

Eu de mim, foi mister que deixasse a vida do mar, para poder apreciar e compreender a sua magestade e a sua invencível preponderância.

Si antes queria aos meus bondosos companheiros de culto, ainda hoje mais os quero, mais perto de mim os sinto, pelo

quanto me orgulho a esmiuçar-lhes a vida de devotamentos, como um grave compromisso que cada qual assumisse consigo proprio, sem almejar compensação de especie alguma.

Tudo afinal se transforma sobre a face da terra. O que é mais duradouro, o que parece mais invuneravel. De quando em vez, sopra um vento mau, um ciclone maldito que ameaça os temperamentos e derroca as consciencias.

Pela graça de Deus, a Marinha continua impávida e serena, como que sabe procurar no lado maneavel das desgraças o claro raio de sol salvador e fecundo.

O seu fisico é impertubavel. O seu moral é um pulpito hieratico onde o dever, de quando em quando, assoma para mostrar a estrada luminosa aos cavaleiros do S. Graal.

Passa-se muito tempo e nada se lhe adultera na estrutura, na fisionomia e no convivio intimo.

A prova está toda ela concretisada no entrecho deste livro.

A essencia fundamental não sofre a minima alteração.

Ou será que as coisas todas, debaixo dagua, se contraem, se enregelam, se mumificam, mas nunca se deterioram?

GASTÃO PENALVA

CONTINUA ---→

## **FILINTO PERRY**

Iniciei minha vida na Marinha com o meu ingresso na Escola Naval em principios de 1893, ouvindo constantemente o ruido, digamos assim, que em toda armada brasileira produzia um grande nome: Almirante Saldanha. Os aspirantes e guardas-marinha quasi dispensavam mesmo juntar ao seu elevado posto qualquer dos seus nobres appellidos ancestraes, como se por antonomasia, a palavra "Almirante Saldanha" "tout court", significasse o Contra-Almirante Luiz Fellipe de Saldanha da Gama.

Passaram-se sem grande novidade os meus primeiros mezes de aspirante do Curso Prévio, até que um desses acontecimentos que se guardam com tristíssima lembrança, enlutou a Marinha. Em Maio desse anno, no desempenho de uma bellissima viagem de instrucção, circundando o mundo, por caminho opposto àquelle pelo qual já o havia contornado uma vez, naufragava no Mar Vermelho um garbosos navio-escola que então possuíamos - o cruzador "Amirante Barroso", commandado pelo Capitão de Mar e Guerra Marques de Leão, provector marinho que já o havia conduzido com invejavel maestria, por varios mares do globo.

Primeiro serio pezar em uma vida incipiente, que no seu decorrer me reservava outros, felizmente compensados por muitos momentos de alegria e conforto, que eu terei de contar satisfeito no dia em que circumstancias me permittam fazer sobre ella um calmo e justo exame de consciencia.

Mezes depois chegavam ao Rio, em um paquete frances, os naufragos do saudoso navio de guerra que, seja dito de passagem, tinha a particularidade de ser todo elle, as machinas inclusive, construido no Arsenal de Marinha do Rio, com material nacional.

Como era de prever, os guardas-marinha, para os quaes tinha sido organizada a mallograda viagem, correram logo á Escola Naval, procurando amigos e companheiros, dos quaes um anno ainda não os havia separado.

Descripções do naufragio, variando em expressões e colorido, segundo o temperamento de cada narrador, mas todas unanimes em salientar a attitudo correcta e digna de toda a admiração que, em transe tão doloroso, havia tido o Commandante Leão, e em contar alguns dos principaes episodios que se haviam passado, e entre eles um, do qual ouvi citar o principal protagonista, senhor de nome que já me tinha sido pronunciado algumas vezes - Tenente Filinto Perry.

Diziam que no momento em que a situação era das mais criticas no navio encalhado, prestes a fazer-se em pedaços, procurando seu commandante um official que quizesse conduzir á costa arida do deserto, bordada de arrebentações, uma embarcação portadora de um cabo de vae-vem a ser lançado, e para fixa-lo, saltar em terra, ou melhor, no areal, cujas condições locais ninguem sabia quaes fossem, apresentou-se em primeiro logar o Tenente Perry, que juntando a palavra á ação (como parece ter sido sempre divisa de sua vida), rapidamente alcançava a praia ingrata e em poucos momentos dava por finda, brilhantemente, sua professional e humanitaria missão.

Posso dizer que, desse dia em deante, nunca mais esse nome deixou de vir frequentemente a meus ouvidos, e sempre de tal

modo que a impressão por elle produzida logo passava ao cerebro, como lhe confiando algo de valor, que devesse ser guardado.

Desde o antecessor d'esse anno agitado de 1893, a maldita política que se cultivava entre nós fazia suas indesejaveis e desastrosas visitas á Marinha. Ainda é cedo para se dizer se com razão ou não, uma boa parte da Armada foi empolgada pelas labias de tão desagradavel visitante, mas o certo é que o foi.

A 6 de Setembro rebentava poderosa revolta na Armada, que ia exigir de bravos e valorosos officiaes de então, ornamentos dos mais brilhantes de sua classe, actos de sacrificio, de abnegação e de heroismo, que ainda hoje a meudo se contam, recebendo afinal o concurso e sacrificio do maior dos chefes que a nossa Marinha tem tido - o Almirante Saldanha da Gama.

Não posso deixar de referir-me a esse periodo de trévas, em que conseguiram se fazer notar individuos com a suprema coragem de vilmente maltratar um prisioneiro ou um homem confiado á sua guarda; de humilhar vencidos, de matar cruelmente, de fuzilar dezena de adversarios que lhes cahiam nas mãos, muitos por simples suspeitas debilmente autorizadas e outros mesmos sem suspeita alguma, pessoas cujos crimes, depois de terminada a luta em que adversarios tão bravamente se bateram, se na verdade houvessem sido cometidos, encontrariam nas leis julgamento adequado, contando-se entre tantas victimas, brasileiros que haviam prestado grandes e relevantes serviços á sua Patria, tanto na paz como na guerra.

Perry acompanhou a parte de seus irmãos de armas que julgava de seu dever revoltar-se contra uma situação que para ella infelicitaria sua Patria; seguindo seu lema, foi dos mais preciosos elementos de acção na esquadra revoltada.



Força a barra do Rio de Janeiro, poderosamente fortificada, se nos transportarmos á época e aos elementos em acção, o primeiro navio revoltoso, um vapôr mercante armado em guerra; a seu bordo achava-se o Tenente Filinto Perry.

Chega esse "Cruzador" ao Quartel General dos revoltosos ou revolucionarios, como então era denominado o porto do Desterro, no Estado de Santa Catharina.

Um navio mercante, mesmo armado em guerra, em ponto afastado do theatro principal das operações, sem que por muito tempo um inimigo provavel viesse com elle medir forças, um sector tranquillo - como hoje se diria, éra campo de operações muito pequenino para tão grande vulto. O seu temperamento reclamava o "front" - a linha de fogo -.

Esse destino dentre em pouco elle tomou.

A 6 de Novembro, numerosos contingentes legaes, como se chamavam aos que serviam ao Marechal Floriano Peixoto, operavam no lugar denominado Sitio dos Conventos no Rio Araranguá, em Santa Catharina. Era necessario hostiliza-los promptamente e cortar-lhes ou impedir a marcha que faziam. Parte para esse fim o pequeno vapor "Itapemirim", menor ainda dos que os que hoje fazem as linhas de Florianopolis a Laguna e outros portos do litoral catharinense; Perry assume seu commando e vae ao lugar marcado, ataca-os com a sua costumada energia, sustentando vivo combate com as forças adversas sob as ordens do então Coronel Arthur Oscar, os quaes orçavam por mais de 600 homens com alguma artilharia; impede seu avanço, expondo-se a seu fogo, até cahir no convéz do pequenino barco, com um gravissimo ferimento no peito, ferimento do qual nunca mais conseguiu curar-se de todo.

Creio haver lido um dia, sem poder precisar em que narrativa, que o commandante das forças adversas, quando viu tombar sobre o convéz esse jovem e bravo official de marinha, teve phrases lamentando que tanta bravura se gastasse em uma lucta intestina.

Entre a vida e a morte, foi conduzido á capital do Estado, onde uma convalescença que tanto tempo e tanto cuidado exigia, não foi sufficiente para deixa-lo inactivo, no decorrer dessa triste guerra civil.

Assim foi que, simples capitão tenente, commandou uma brigada das forças revolucionarias em campanha no Estado do Paraná, com a qual entrou em combate, sendo novamente ferido.

Acções projectadas contra as forças navaes a serviço dos legalistas que operavam no alto Uruguay, mallogradas uma vez por motivos que não vem ao caso recordar, foram novamente projectadas, e com a collaboração de Perry, que máo grado o estado precario de sua saude, para lá se havia transportado;

um ataque em regra se preparava, quando a morte gloriosa do Almirante Saldanha, em Campo Osorio, veio arrefecer a lucta, pelo menos por parte do pessoal de Marinha que nella tão bravamente se havia empenhado.

Finda a revolução, uma amnistia restricta veio colocar os officiaes vencidos em posição tão injusta e mesmo humilhante, que o proprio Governo, algum tempo depois reconheceu, remediando em parte o seu erro.

Pouco a pouco foram voltando os amnistiados a seus postos e commissões que qualidades moraes e profissioaes de muitos reclamavam lhes foram sendo discretamente confiadas.

Convem dizer que tal proceder não agradava muito aos intolerantes de época.

Refazia-se a Marinha. Dizia muita gente ser necessario que em uma cerimonia solemne, em uma festividade nacional, por exemplo, ou outra cousa semelhante, a Marinha se mostrasse, ao povo do Rio pelo menos, dando a perceber que se ia admiravelmente reerguendo da tremenda crise por que havia passado.

Muitos achavam que um desembarque pudesse ser cousa producentemente tentada.

Desembarques de forças de Marinha, aproveito para dizer, rarissimas vezes me enthusiamaram. Esse foi um dos poucos que tal conseguiu fazer. Foi realmente imponente, e atendendo á situação, algo significativo.

Realizou-se creio que a 11 de Junho de 1898 e commandava a Brigada da Marinha o Capitão de Fragata Alexandrino de Alencar; um dos seus secretarios, como então se chamava na Marinha ao assistente, era o Tenente Perry. Figurei n'elle como guarda marinha, simples commandante de pelotão ou cousa de menor importância ainda.

Recebendo algumas ordens sobre a instrucção que devia dar á pequena parcela sob meu commando, falei nessa ocasião, pela primeira vez, ao Tenente Perry, que eu tanto desejava conhecer.

Guardo a lembrança de haver dito a mim mesmo, como primeira impressão no meu raciocinio de guarda marinha: "Muito attencioso; fala delicadamente, mas como quem implicitamente manda e manda amavelmente, como quem tem mesmo que ser obedecido."

- Há uma trintena de annos, os torpedeiros eram os navios onde officiaes jovens, mais facilmente viam satisfeitas suas ambições de commandar; talvez por isso Perry, desempenhadas rapidas commissões, foi servir no seu Commando Geral; julgo mesmo que por esse motivo, desejo de rapidamente commandar, se alistasse entre os que dedicavam

seus estudos ás armas subaquas, ramo em que tão importantes serviços um dia havia de prestar á Marinha.

Verdadeiramente, esse valoroso official sempre me pareceu mais homem para mandar que para obedecer. Isso talvez se possa considerar um pequeno defeito admissivel em quem tantas qualidades possuia. O Almirante Jaceguay, e até certo ponto o Almirante Saldanha da Gama, tambem eram assim.

A vida em torpedeiros fe-lo dedicar-se com afinco ao estudo do seu armamento principal - o torpedo.

Importante commissão na Europa foi-lhe confiada nessa especialidade. Vae para a Alemanha, paiz pelo qual elle não podia

occultar uma certa predileção; dedica-se de corpo e alma ao estudo do poder naval d'essa outróra formidavel potencia, apresentando sobre elle importantes informações. Frequenta assiduamente as officinas Schwartzköpff, dedica-se ao estudo do seu torpedo, de que durante a revolta da armada o nosso governo havia adquirido varios typos, e organisa sobre elle um importante trabalho que os antigos officiaes torpedistas sobejamente conhecem. Cousa interessante: se bem que apresentado tal trabalho em 1904 e aprovado por uma commissão technica, o Governo só o fez publicar em 1910, isto é, quasi ao abandonarmos, com a esquadra nova, o typo de arma que havia sido objeto dos seus cuidadosos estudos.

- De volta ao Brasil, continua a desempenhar sempre commissões de importancia, onde o organisador, o technico e o professional competente seguidamente se mostravam.

Fazem-se as primeiras designações de commandantes para os navios da esquadra nova que hoje lentamente se finda, com os seus componentes atacados do mal incuravel que é a senilidade. O commando do primeiro dos seus navios, o C. T. "Pará" lhe é confiado, e sob sua provecta direcção chega ao Rio, provocando no espirito infantil, que na verdade é a maioria dos marinheiros, uma alegria subita, como se a presença de tal navio fosse uma revelação inesperada e não a confirmação já conhecida de uma resolução tomada, havia mais de dous annos.

Veio afinal a ser convidado para um commando, para o qual elle era "the right man in the right place": o do "Benjamin Constant" em viagem ao estrangeiro, com uma turma de guardas-marinha. Foi a primeira vez que tão importante commando foi confiado a um capitão de corveta.

Fiz parte então da guarnição d'esse navio. Sahindo de Toulon, onde havia sido reparado, devia o "Benjamin" ir a New-Castle afim de receber artilharia, e logo depois seguir em viagem pelo mar Baltico até á Russia.

Era de ver o carinhoso zelo com que Perry procurava preparar, e preparar technica e militarmente esse navio, que ia a portos de guerra allemães onde, quando mais não fosse, por levar tanta gente de um pais pouco conhecido, era de esperar que fosse objecto de rigorosa inspecção pela technica da Marinha de Guerra d'esse povo, que elle tão minuciosamente procurára conhecer.

Repentinamente produz-se uma mutação a bordo. Estavamos na ante-vespera do dia da partida para o Baltico, quando, á noitinha, chega um telegramma desfazendo tudo o que haviamos projectado, e mandando que o navio seguisse para o Mexico, afim de tomar parte nos festejos que deviam iniciar-se a 18 de Setembro, em commemoração ao centenario de sua independencia.

Estudadas cartas, calculadas distancias e avaliado o carvão, chega-se a essa pouco satisfatoria conclusão: Ser preciso que tudo corresse muitissimo bem, para que lá pudessemos chegar no dia determinado!

Falava ainda o telegramma em desembarque de contingente nosso e collocarmo-nos, no Mexico, á disposição da nossa Embaixada Especial.

Devo confessar, agora que tantos annos são passados, haver sentido um certo orgulho ou cousa que com isto se pareça, quando um dia, convidou elle, ou melhor, determinou, que eu fosse seu secretario nessa commissão, porque seus convites eram meias ordens vindas, é verdade, por um caminho que se não podia contornar, um pouco, como diz o grande autor dos Luziadas - "Com rogos e palavras amorosas, que é um mando nos Reis que mais obriga".

Como em um navio sobrecarregado de gente, perguntava eu a mim mesmo, de convez atravancado, em viagem constante, se poderia preparar o pessoal para um desembarque, em que ia marchar em conjuncto com varios contingentes de marinhas européas e sul americanas, que á Vera Cruz e á Salina Cruz, haviam chegado em tempo de exercitar-se convenientemente?

A força de vontade e energia de um Commandante como tenho conhecido poucos, ou melhor, como creio que tenha havido poucos em outras marinhas, havia de achar meios de tudo conseguir.

Deixado o porto de Falmouth, içavam-se diariamente as escadas que do convés davam acesso ao castello e tombadilho, retirava-se tudo quanto podia sahir do seu lugar para tornar mais ampla a tolda e começavam os exercicios de marcha, provaveis evoluções, manejo d'armas, tudo sob aspecto e porte militares que eu raras vezes tenho visto igualado, mesmo pelos nossos corpos de regimento que chamamos de élite.

Em São Miguel e Porto Rico demora apenas que permittisse carvoar, o mais rapidamente que pudesse.

Na vespera do dia que nos havia sido designado para inicio dos festejos da commemoração, o "Benjamin Constant" fundeava no porto de Vera Cruz, onde alem de outros navios ia encontrar a fragata argentina "Presidente Sarmiento", cuja officialidade tão agradaveis relações de camaradagem ia manter com a nossa.

Apenas 24 annos são passados que essa viagem foi feita. Felizmente, a quasi totalidade dos guardas-marinha e muito dos officiaes que n'ella tomaram parte estão cheios de vida, entre nós. Certo, nenhum esqueceu o sobressalto que tivemos, ou, nos termos da nossa linguagem agradavelmente errada de bordo, "como que sentimos o coração parar um pouco", quando vimos, ao som marcial das bandas militares, despontar na praça principal da vetusta capital mexicana uma fileira de homens que marchavam como se fossem impellidos pelo movimento cadenciado de uma machina em perfeito funcionamento: os cadetes da Escola Militar de Chapultepéc, seguido de marinheiros de um cruzador allemão, cujo nome já não me lembro, desfilando ambos no detestavel e espectacular "passo de ganso" e de tal modo que se ficava em duvida si os allemães estavam ensinando aos mexicanos ou passariam com elles a aprender algo para tornar mais notavel a sua horrorosa marcha.

Era um quasi pavor pensar na impressão que iamós nós produzir com o nosso physico que tão pouco ajuda e com nosso aspecto tão pouco militar.

Vêm os nossos marinheiros. O garbo com que se apresentam, creio que a nós mesmos surprhende; alguns officiaes e guardas marinha nossos não se contiveram e juntaram, desculpavelmente suas palmas ás innumeradas com que a multidão applaudia esses marujos, cujo typo já pessoas de terra começavam a achar um pouco parecido com o seu. Commandava a companhia de desembarque nosso actual Ministro da Marinha.

Poucas vezes o Brasil se havia mostrado tão brilhantemente no estrangeiro - a um estrangeiro que se pôde dizer, nunca havia visto sua gente.

Si juntarmos a esse primeiro successo o commandante de physico atrahente, perfeito homem do mundo, falando correctamente os idiomas dos outros commandantes de navios de guerra que lá se achavam, uma officialidade que ajudava da maneira a mais completa e um navio no mais rigoroso estado de asseio e de disciplina, comprehender-se-á por que ainda hoje se falla na commissão que desempenhou o "Benjamin Constant"



levantadas, algumas dizendo serem os submarinos armas de sonhadores, outros alegando que a nossa gente não estava e não estaria nunca na altura de manobrar com aparelhos e navios tão delicados.

Felizmente factos concretos desmancharam uma e outra asserção.

Depois de muitas delongas, em que não deixaram de aparecer, levantadas por prejudicados, as conhecidas accusações de suborno, faz-se a encomenda, em contracto dos mais precisos e rigorosamente organizado, apesar de tratar-se de assumpto novo entre nós.

Escolhe-se a commissão que devia assitir á construcção e iniciar, portanto, tal serviço entre nós. Perry é nomeado seu Chefe. Nessa occasião d'ella não fazia eu parte, por isso posso sem acanhamento dizer esta verdade: Nunca se escolheu no Brasil commissão para o estrangeiro, em que houvesse pessoal mais competente, mais capaz, nem mais zeloso. A vida dos submarinos entre nós sobejamente o provou.

O grande creador do typo de submarino Fiat - o engenheiro Laurenti - disse a alguém que m'o repetiu uma vez: "Si todos os officiaes da Marinha Brasileira são como os que ora mandaram para cá, essa Marinha é, no seu conjuncto, a de maior preparo profissional que conheço".

Em principios de 1914, entenderam governantes nossos que para salvar as finaças do Brasil deviam vender os navios de guerra, pouco tempo antes, elles mesmo haviam julgado absolutamente necessarios á defeza nacional.

Não eramos estreante no papel pouco invejavel de vendedores de material naval de guerra; annos antes os nossos cruzadores "Amazonas" e "Almirante Abreu", irmãos do "Barroso", com o qual deviam formar uma divisão ligeira homogenea, haviam sido levados ao martelo, como aqui se dizia, indo augmentar o poder naval dos norte-americanos, em cuja marinha excellentes serviços prestaram.

O "Rio de Janeiro", em 1914, depois de muitas offertas e recusas, foi afinal vendido á Turquia, e muita gente apparecia em Spezia a examinar os nossos submarinos, a ver quanto valiam em especie. Um bello dia chegou uma nota official, falando da intenção governamental de vende-los.

É verdade que se prometia para substitui-los navios muito maiores, melhores e mais poderosos, mas a tão faceis promessas, com razão, ninguem dava credito.

O novo "Rio de Janeiro" e os substitutos do "Solimões", "Javary" e "Madeira", monitores utilissimos para nós, que foram destruidores do "Koenigsberg" em Dar-es-Salam, e que ficaram com a Inglaterra, ainda cá não chegaram...

A tristeza e indignação de Perry, nessa ocasião, eram profundas. Conversava sobre o caso, telegraphava, escrevia, procurava mostrar o erro em que iam incidir com a tal alienação do nosso já diminuto material naval.

Devido á sua resistencia, energia e firmeza, a venda de nossos submarinos não se effectuou. Entre os serviços importantes por elle prestados á nossa Marinha, esse não foi dos menores.

Recordo-me ainda de haver lido nesse tempo, num dos mais importantes jornaes londrinos, uma apreciação bem pouco lisongeira sobre a construcção de grandes navios para pequenas potencias que os vendiam de uma hora para a outra, alterando consideravelmente a situação em que se achavam grandes potencias antes da grande guerra em relação a seu armamento naval.

O serviço de submarinos nasceu direito entre nós; uma permanencia de dois annos na officina que construia navios d'esse typo para nós e outras marinhas, a convivencia com officiaes italianos em um porto militar da importancia do de Spezia, e tambem com officiaes de outras marinhas com os quaes, dentro dos limites da convivencia, trocavam-se ideas, para tal não deixou de concorrer um pouco.

O certo é que ao partirem os submarinos de Spezia, sabia-se o que d'elles se devia exigir e o que se devia fazer para tal fim conseguir.

Trazia-se um regulamento para experiencia, onde podia dizer-se que todo o seu pessoal havia collaborado, pois a todos era facilitado, ou mesmo ordenado, trazer o que possuísse, como fructo de suas experiencias ou observações; esse regulamento, submettido a um periodo de adaptação em que ia se agindo sem segui-lo inteiramente, mas fazendo tudo o que se devia, e prevendo todas as necessidades que o andar desse novo ramo de nossa actividade naval reclamava, seis meses depois era posto em effectivo serviço, expurgando-se-o de todas as suas exigencias que não haviam podido ou não havia necessidade de serem cumpridas e acrescido com as que se haviam aprovado e que não estavam em determinações suas.

Pela primeira e ultima vez vi um regulamento com um numero pequeno de artigos, mas que eram rigorosamente cumpridos, do primeiro ao ultimo.

Recordo-me que um critico, em conversa commigo, fez-lhe á seguinte censura: "É muito pequeno; não tem a fórmula dos regulamentos". Talvez mesmo por isso foi elle tão producente.

Foi em meados de 1914 que chegaram os submarinos ao Rio.

Não é de mais recordar, mesmo ligeiramente, as cousas que se disseram então. Dois d'elles vieram á reboque e como era de esperar, apoz uma longa viagem em que foram



percorridos varias milhares de milhas, aportaram aqui com a tinta do costado cahida em varios pontos, o "encarnado" apparecendo, como alguns diziam.

Isso era base em que se firmavam os "criticos", em parte insinceros e na maioria ignorantes, para dizer que os navios eram de mau material, fraquissimos e que aqui haviam chegado avariadissimos.

Vinte anos de existencia em serviço continuo e uma vida normal fartamente excedida, são uma boa resposta, que infelizmente na occasião não nos podia servir com a sua incontestavel comprovancia.

Consequencias do ferimento recebido em 1893, excesso de trabalho e preocupações no serviço de construcção dos FF, teimosia de sua parte em assistir á quasi todas as provas de immersão que se faziam no periodo de experiencias, isso contra repetidas recommendações dos medicos, aos ques consultava, vieram explodir pouco tempo apoz a chegada de Perry ao Rio.

Foi elle assim forçado, em fins de 1914, a deixar a flotilha de submarinos, por cuja creação tanto se havia batido e para cuja organização havia contribuido como nenhum outro.

Aqui volto a falar orgulhoso de uma distincção por elle a mim feita, que considero uma das maiores que tenho recebido na minha vida e que faz magna parte dos momentos de alegria e conforto a que me referi, quando comecei a escrever estas linhas.

Escolheu-me elle para seu substituto em commissão tão honrosa e de tanta responsabilidade.

Era eu então o mais moderno dos Capitães de Corveta do quadro; ia dirigir commandantes que haviam sido meus companheiros no curso da Escola Naval e que eram dos officiaes de maior preparo e valor que a nossa Marinha possuia.

Fui franco com o meu presado commandante e grande amigo; confessei com toda a sinceridade sentir-me menor que a missão, mas elle retrucou como entendeu: disse-me o que quis, e mais uma vez pondo em pratica essa quasi virtude que domina tudo como "o nos Reis que mais obriga", mandou, esse é o termo, e eu obedeci, recebendo de suas mãos, amendrotado, o commando que elle tão brilhantemente havia exercido. E nunca tive comissão que mais gratas recordações me tenha deixado.

Foi assim que me coube "succede-lo sem substitui-lo", segundo uma phrase que me parece haver lido um dia em um discurso de Lauro Müller.

- D'ahi por diante sua saúde começou a debilitar-se, lenta, mas continuadamente. De vez em quando, surgia uma

phase de melhora animadora. Seu temperamento não permittia deixa-la formar-se; reaparecia na Marinha com seu costumado enthusiamo; assim commandou o "São Paulo" ao rebentar a guerra européa, commissão considerada muito importante, o que realmente era; nova actividade, novas energias demonstradas, estudo aprofundado de questões que o momento tornava palpitantes, excessos enfim para o seu organismo debilitado, e como consequencia, novo abalo de sua saúde á qual elle muito pouco attendia.

Novo repouso, algumas melhoras, pretexto aproveitado para interrompe-lo.

Mesmo assim, quando a grippe em Dakar devastou de tal fórma a divisão Frontin, que por cá se julgou necessaria sua substituição por uma outra cuja organização chegou a ser tratada, seu nome, segundo me disse pessoa em condições de poder dise-lo, foi o escolhido para commanda-la, e elle para isso declarou-se "prompto".

Em fins de 1920, assume a direcção da Escola Naval de Guerra; era eu alumno nessa occasião. Lembro-me perfeitamente da assiduidade e interesse com que acompanhava os interessantes trabalhos e estudos technicos que nella então se faziam.

Diante de muita materia nova que a Escola recebia de sua congenere americana, , elle era como que um mixto de alumno, professor e director, sabendo dividir admiravelmente sua vontade de saber, competencia e qualidades de mando, em tão importante commissão.

No anno seguinte um profundo golpe abate-o mais vivamente que todos os dissabores por que havia passado na vida: fallecia sua dedicada e amantissima Esposa, sua companheira incomparavel, dama que tinha a suprema virtude de possuir todas as qualidades da mulher brasileira, como nós desejamos que ella seja.

Vieram os annos tristes e agitados ocorridos na nossa vida politica desde 1922.

Sua saúde cada vez mais precaria não mais lhe permittia dessa época em diante, exercer cargos que exigissem continuo trabalho ou grande actividade.

Por vezes fui visita-lo; quando esperava ve-lo abatido pela marcha de uma molestia que não se conseguia vencer, encontrava-o sempre entre os seus livros, que os tinha excellentes na sua bibliotheca carinhosamente cuidada, com um archivo intelligentemente catalogado, preocupando-se com assumptos de Marinha, de natureza a mais moderna. Em vez de levar-lhe novidades nesse particular, eu que sempre deixava sua casa sabendo um pouco mais do que sabia ao procura-lo.

Nunca uma palavra de desfalecimento, um conceito pejorativo, uma accusação justificada, nem mesmo para com os ingratos.

Diante de tanta calma e energia, eu algumas vezes de lá sahia com a impressão de que seu mal fosse uma cousa que sua incomparavel energia pudesse vencer.

Não tive muito tempo para pensar assim. Uma forte crise sobreveio em 1929. Seus accessos se passam entre uma fagueira esperança e a dura realidade que marchava claramente. Afinal um dia, cercado de todos os carinhos que lhe podia prodigalisar uma familia dedicada e extremosa, vae-se a vida desse Almirante que na Marinha deixava um nome que sem favor pode servir de modelo e de grande exemplo áquelles que desejem conscientemente fazer por ella tudo quanto devam ou quanto possam.

J. M. de CASTRO SILVA Contra-Almirante

CONTINUA -->

## **HOMENAGEM**

Á Amilcar M. da Silva

De quando em quando, uma noticia chega, dando a conhecer o passamento de um companheiro de emoções. Foi mais uma victima que tombou, mais uma vida que se foi, ceifada por uma molestia corriqueira. Indifferentemente, os ignorantes da especialidade e principalmente aquelles que, por falta de coragem, não ousaram "mergulhar nos submarinos", attribuem a morte do collega ás consequencias da vida que elles vivem.

E no entretanto, bem diversa foi a realidade porque, retido por longas horas em ambiente saturado de gazes toxicos oriundos das baterias de accumuladores, gazes que entorpecem e que envenenam as entranhas, ouvindo o ruido ensurdecedor dos motores que dilaceram os tympanos, sorvendo em haustos dyspneticos o ar já sem oxygenio e impregnado de oleo e de fumaça que irrita a garganta e faz tossir, extremecendo a cada inclinação anormal e sofrendo as expansões do systema nervoso abalado pelo imprevisito, com a circulação activada e com o coração em trabalho intenso de uma tachycardia emotiva, o organismo se combalio, tornando-se facil presa ao assalto das molestias, o corpo se alquebrou, o entusiasmo feneceu sob a impressão de infindavel angustia e a alma, am arrancada derradeira, partio silenciosa, deixando apenas, com aquelles que ficaram intangiveis, a certeza de que o sacrificio do submarinista não se faz sómente nos desastres que transformam o submarino, sacrario de tantas emoções, em tumulto perdido na immensidão dos Oceanos.

Para infelicidade nossa, a interpretação de accidentes se ligou intimamente á concepção de desastre, e porisso, pobres companheiros que alegraram os nossos navios, sorrindo quando nós sorriamos, que sentiram como nós, os prazeres e os dissabores, que concorreram, mais que nós, para efficiencia desta especialidade que, por temivel, lança com a sua presença o desassocego em meio á força poderosa que domina os mares, morreram sem gloria, alguns sem um gemido, em holocausto ignorado á carreira que abraçaram, deixando ao desamparo a sua descendencia.

.....

Ainda me baila na retina, para a litania da minha saudade, a imagem de um meu querido companheiro.

Puro entre os mais puros, digno o quanto se pode imaginar.

Amilcar Moreira da Silva, era o exemplo brilhante e suggestivo de um character sem jaça. Fôra immediato do "F 5", em epoca distante e tivera a ventura de concorrer com seu esforço para a victoria do seu navio, na prova maxima de eficiencia, dos submarinos: "o Premio Independencia". Desempenhara-se com extraordinaria dedicaçãõ e por essa dedicaçãõ fôra do comum, iniciára o sacrificio da sua vida.

.....  
E assim, em plena actividade, com uma dedicaçãõ sem limites, levada ao exagero, era commum ve-lo penetrar na superstructura do navio, caminho forçado para os fundos duplos.

Apalpando aqui, pesquisando ali, consciente da noção da responsabilidade que lhe pesava sobre os hombros, da vida preciosa dos homens que tripulavam o seu F, permanecia longo tempo a aspirar o ar impregnado de vapores emanado do zarcão, para depois surgir com o rosto carnavalescamente deformado pelos riscos encarnados da tinta de alguma treliça que se lhe antepuzera, como obstaculo ás suas escaladas.

De uma dessas inspecções, vi-o subir ao convez do navio os seus olhos estavam vermelhos e lacrimosos pela acção venenosa do oleo e da agua raz e a sua roupa totalmente molhada de suor attestava o rigor da temperatura reinante nos fundos duplos. Os raios solares causticantes, a dardejar sobre o navio que se encontrava em secco no dique, irradiavam calor que se transmittia a distancia, com incommodo rigor. Mesmo assim, trabalhavam nos tanque acanhados do "F 3" os mesmos homens que o conduziriam aos proximos exercicios.

.....  
No dia seguinte, contrariamente aos seus habitos o Amilcar não viera a bordo, mais a noticia simples e inexpressiva chegára: "o Commandante Amilcar mandava prevenir que não podia vir a bordo por se achar adoentado".....Que seria?.....Nada, um simples resfriado.....

Os dias foram se succedendo e a sua ausencia foi se prolongando assustadoramente. Os serviços continuavam com a mesma precisão. A presença do Commandante só se fazia sentir pela saudade.....E' tão bõa essa gente que guarnece os submarinos.....

Visitei-o algumas vezes. Acompanhei, cheio de anciedade carinhosa, a marcha da molestia que lhe roubou a vida; estudei em silencio o seu olhar que se amortecia aos poucos; interpretei-lhes os gestos, já sem vivacidade, e procurei comprehender, na sua tristeza, a previsão do futuro que se esboçava.

A molestia se agravára; declarára-se o edema pulmonar. A sciencia medica fôra impotente. E em dia que já vai distante, a sua alma pura alçou o vôo para o ignoto.

A recordação desse companheiro permanece indelevel na memoria dos que o conheceram; e para mim, que o vi na vespera de adquirir o mal de que succumbio, é fôra de duvida que a sua morte prematura foi a consequencia da sua extraordinaria dedicação, alliada á debilidade de seu organismo enfraquecido no serviço de submarinos.

LEONIDAS MARCOS DA CONCEIÇÃO  
Capitão Tenente

CONTINUA -->

## **O CASO DO GURUPY**

Antigos e muito prezados commandados meus da Flotilha de Submarinos, pediram-me dizer alguma coisa que lembrasse a maior impressão que nella tive, ou o facto lá passado, que a mim mais viva lembrança tenha produzido.

Recapitulei, como pude, essa vida de quasi quatro annos de trabalho intenso e de exercicios continuados e numerosos em que as saídas para as immersões se contavam em numero de quatro por semana, e ás quaes compartilhava, eu em sua maioria.

- Lembro-me do primeiro mergulho que dei, estreante no serviço de submarinos, em que inesperadamente vi o navio enthusiasmar-se em uma descida rápida, sob inclinação que, fazia correr para vante tudo que não estava muito bem seguro, immersão em que eu, como "calouro" me limitava a olhar, pacatamente, ás variações do manometro e a mostrar não ter medo, coisa que era preciso mesmo muita coragem para demonstrar, pois a calma e presença de espirito que nessa como em outras situações difficeis demonstrava ter o nosso grande Chefe e companheiro de enrascada, o então Capitão de Fragata Filinto Perry, tirava a qualquer um de nós, não digo o direito, mas a bravura de se mostrar nervozo ou coisa peor.

Não foi seguramente essa á lembrança que mais guardei; se o fosse have-la-ia contado tantas vezes quantas tenho feito com a que se segue, tratando-se de um caso em que, até certo ponto, pelo menos para a assistencia, fiz um papelzinho de heroe sem saber.

Vamos portanto á tal lembrança que é realmente a que mais me acóde sempre que fallo do meu primeiro Commando da Flotilha de Submarinos, onde se passaram, verdadeiramente o confesso, os dias mais felizes de uma já longa vida de Marinha.

NAVIO "F 1" - *Commandante Landim* - Anno de 1917 - Estava no porto um navio de guerra argentino, participando de uma fésta com que solemnisavamos uma data nacional nossa. Um dia fizemos uma immersão, com um dos seus officiais. Convem dizer que êsse facto motivou uma ou outra critica, naturalmente de pessoas que confirmavam haver alguém capaz de pensar que o segredo de um submarino, construido em estaleiro comercial - estrangeiro, está no seu movimento ou no seu mergulho.

Immersão explendida, como quasi todas que nesses treinadissimos navios então se faziam. Voltámos á superficie

junto ao garbozo argentino e a seu bordo deixamos o nosso hospede o Capitão de Corveta Esquerria. De novo mergulhamos em caminho de casa, a Mocanguê, onde se passava, seja dito, uma vida bem differente da que se passa nos "abrigos de terra", que na Marinha geralmente têm a denominação de "chacaras". Dois dias depois fizemos uma nova immersão, não muito longe do "hermoso buque".

Vencidas algumas horas em baixo d'agua, propoz-me o Commandante navegar junto ao navio em que estava o nosso companheiro da vespera. Resposta: "Sim". Rumo ao visitante, em profundidade tal que permittia o uso dos dois periscópios".

Iríamos a contra bordo do argentino. - Quando a elle chegámos, óra desaparecendo de todo, óra vindo á superfície, afim de grelar o que nêlle se fazia, percorremos a nossa róta e nos fomos. Havia fésta a bordo. Os officiaes que estavam no periscópio viram muita gente, moças, ouviram musica e algumas palmas, que supuzemos serem batidas á nossa maestria.

Tudo normal; rumo a Mocanguê ; chegada, navio amarrado, prancha passada e eu o primeiro a pisar em terra.

Néssa camaradagem natural nos navios pequenos, profundamente disciplinada que então havia na Marinha, aproxima-se de mim o Inferior que havia feito a escolta e diz: "Sim, Senhor, Snr. Chefe, si o Commandante não fosse tão batuta e não tivesse tanta calma, eu agora não estaria falando com V.S."

Surpreza de minha parte, mas resposta prompta. É verdade. Quando envergava o traje civil para vir gosar as delicias da cidade, ao brilhar de suas primeiras luzes, vem o machinista da lancha ao meu quarto e diz: "Sahida como éssa poucos pôdem contar, mas o Commandante foi homem..."

Ao embarcar vi que algumas praças commentavam o facto com os seus companheiros e já ouvia fallar em paquete dando atrás, ferro prompto, guinada do "F" e culpa já se vê, do "Burro do Cargueiro".

No Arsenal, no outro dia pela manhã, um commentario talvez amavel sobre a gente dos "FF", dizendo que ella manobrava muito bem, mas terminando assim: "São uns imprudentes".

Chegando á ilha nesse dia e querendo saber emfim do que se tratava, chamei o patrão da escolta, e perguntei: "Seu Mestre, que diabo se passou com o "F 1", de que desde hontem tanto ouço fallar? - RESPOSTA - "Pois V. S. bem sabe, foi aquella bella manobra do "F", quando o "Gurupy", na pôpa do argentino, ia mettendo-o a pique; V. S. ou seu Landim, . o que estava no periscópio, manobrou lindo" - "Foi mesmo", respondi.



Pelo que disse o patrão, soube afinal do facto importante que se havia passado, mas sabia tambem que nem o Commandante Landim nem eu e muito menos os outros que estavam cegos, no bôjo fechado do submarino imerso - ninguem havia visto o tal navio, que quasi nos racha, nem tido a mais leve noção do perigo por que havíamos passado.

Tal segredo não éra dos que se podessem guardar por muito tempo e resolvemos "fallar a verdade", e mostrarmos o papelão que havíamos feito.

- *EM 1931* - Fui mandado para o Pará, comandar mais uma vês flotilha, essa porem bem differente da que eu commandara e 1917. Navio "DUQUE DE CAXIAS", sob a provecta direcção do hoje meu amigo Commandante Teixeira de Souza.

Tratamento o mais carinhoso a mim e á minha família e muita conversa que, confirmando a verdade dos que dizem, que gente de Marinha não sabe fallar de outra cousa senão de navios e viagens, não raro tinha por objecto "Cousas do Mar".

Um dia "entre la poire et le fromage" contava eu tambem a minha historiazinha e essa era o caso "Gurupy" versus "F 1", passado em 1917, em que eu havia sido tão calmo sem o saber.

Contei o facto como se passou e avivei pouco as côres. De repente o meu amigo Commandante muda de côr, enruga as faces e dirige-se para mim com um olhar que traduzia raiva e indignação e me diz:

"Mas então éra o Snr. aquelle que estava no submarino?. E quando o Snr. fez isso não sabia que um navio que vem do canal, não pôde evitar colisão com um maluco qualquer que vem por trás de um navio filado á enchente?. E éssa; que bôa o Snr. me ia armando. E fique certo, a culpa é toda sua". - Ahi já o homem passava do passado para o presente.

E eu limitei-me a dizer: "Mas o Snr. poude evitar. Si a enrascada se désse, quando com o "F" eu estivesse fazendo a inevitavel viagem para a eternidade, diria: "a culpa foi de quem em mim bateu"; portanto no caso em questão, do seu navio".

"Mas não éra verdade", disse o meu amigo, ao que respondi: "Pouco naquelle momento me adeantaria se o fosse".

Não preciso dizer que o Commandante Teixeira de Souza éra o commandante do "Gurupy", no dia citado de 1917...

J. M. DE CASTRO SILVA  
Contr'Almirante

[Volta]